

**RELIGIOSIDADE NO SÉCULO XXI: MISTICISMO, ATEÍSMO OU INDIFERENÇA**

**LA RELIGIOSIDAD EN EL SIGLO XXI: MISTICISMO, ATEÍSMO O INDEFERENCIA**

**RELIGIOSITY IN THE 21ST CENTURY: MYSTICISM, ATHEISM OR  
INDIFFERENCE**

Ricardo Capella MARTINS<sup>1</sup>

**RESUMO:** No presente artigo propomo-nos abordar a problemática das perceções de religiosidade na comunidade leiga e a indiferença religiosa, bem como questionar qual o papel da Igreja na renovação ou manutenção da fé visando compreender qual a profundidade do relativismo religioso na comunidade. Partindo de estudos prévios e fundamentados com bibliografia da especialidade, seguiremos para um estudo de campo realizado através de inquérito, visando confirmar as tendências descritas na literatura publicada. Conclui-se que a existência de um indiferentismo religioso na comunidade não se confirma no estudo de campo, mas sim de um catolicismo acomodado e apenas de fachada, que adopta aquilo que lhe convém e rejeita aquilo que é difícil, desagradável ou trabalhoso, nomeadamente o cumprimento de certos preceitos religiosos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religiosidade. Ateísmo. Igreja católica. Supermercado de religiões. Novos movimentos religiosos.

**RESUMEN:** *En este artículo nos proponemos trabajar la problemática de la percepción de religiosidad en la comunidad de legos y la indiferencia religiosa, tal como cuestionar ¿ qué importancia tiene la Iglesia en la renovación o en la manutención de la fié y cuán profundo es el relativismo religioso en la comunidad. Basándonos en estudios previos y fundamentados con bibliografía de expertos haremos un estudio práctico (encuesta) de que confirmará las tendencias descritas en la literatura ya publicada. Se concluirá que no hay un indiferentismo religioso en la comunidad, sino un catolicismo resignado y de apariencia que acepta solamente lo que conviene e rechaza lo difícil, desagradable o trabajoso, como sea el cumplimiento de deberes religiosos.*

**PALABRAS CLAVE:** Religiosidad. Ateísmo. Iglesia católica. Supermercado de religiones. Nuevos movimientos religiosos.

**ABSTRACT:** *In this paper we will talk about the religious perception problem among the lay community and the religious indifference, as well as we will question what the church's role is in keeping faith and its renewal and how deep is relativism in our community. Based on previous studies sustained by specialized literature, we will develop a field work (inquiry) that will confirm the tendencies described in the theoretical part. We will find that in our community there's not a religious indifference but an accommodated Catholicism in which*

<sup>1</sup> Universidade Católica Portuguesa (UCP), Braga – Portugal. Mestrando em Ciências Religiosas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8634-7408>. E-mail: ricapella@gmail.com

*people only do and accept what's pleasant and easy in religion, refusing or just resisting to the hard parts, namely the religious practices.*

**KEYWORDS:** *Religiosity. Atheism. Catholic church. Religion supermarket. New religious movements.*

## Introdução

No presente artigo propomo-nos a abordar a problemática das percepções de religiosidade na comunidade leiga. Trata-se de um sinónimo de ser espiritual ou é algo mais concreto, formal e desenvolvido?

Em leituras e estudos anteriores verificamos que a sociedade contemporânea vem apresentando uma alteração na sua religiosidade e espiritualidade, muito devido ao “Supermercado de Religiões” que se lhe oferece e que lhe permite criar uma religião à medida. Ao mesmo tempo, afigura-se um crescente relativismo e uma aceitação cega de propostas espirituais voltadas mais para o imediato e para as sensações do que para um projeto sólido e rigoroso de eternidade, acrescida de uma noção de que todas as propostas são válidas e de igual valor. Simultaneamente, apercebemo-nos que o ateísmo militante está em declínio também, dando, paulatinamente, lugar a um não menos feroz, mas, paradoxalmente, na aparência, mais brando indiferentismo.

Tudo isto parece conjugar-se com a excessiva valorização do Eu, com o egocentrismo e com o individualismo crescente que caracteriza o nosso tempo, sobrevalorizando o corpo, exaltando o ter (em vez do ser), alimentado por uma *media* que explora estes aspetos até à exaustão. Isto sem esquecer a deformada conceção de liberdade de expressão que as redes sociais vieram trazer, em que cada um tem a sua opinião: sempre válida, formada, incontestável, e, no fundo, insensível às percepções do outro e sem a estas fazer qualquer concessão.

Estes aspetos refletem-se claramente na espiritualidade e religiosidade individual, que procura o melhor dos mundos, criando uma religião à medida de cada um, aceitando e rejeitando verdades e preceitos à descrição, numa espiritualidade incompleta, deformada, desordenada e confusa, carregada de valores e rituais estranhos entre si, mesclando valores pagãos com ritos cristãos, numa amálgama de pensamento pós-moderno com dogmas intocáveis escolhidos por conveniência, compatibilizados casuisticamente e apenas fazendo sentido para o próprio.

Procuraremos, portanto, dar resposta a várias interrogações que nos assolam nomeadamente, procuraremos auscultar o que entendem os leigos por ser religioso; questionar o que entendem estes por fé; interrogar que papel tem para cada um a Igreja na renovação ou manutenção da fé; verificar se a espiritualidade individual se converteu numa espiritualidade *à la carte* em que cada um aceita crer naquilo que lhe convém rejeitando o que não lhe serve; perceber a profundidade do relativismo religioso na comunidade; compreender se grassa nesta um verdadeiro ateísmo ou tão-somente uma negligente (e não menos perigosa) indiferença.

### Enquadramento teórico

Partimos para este artigo apoiados em dois trabalhos de dois autores que trabalham a temática da religiosidade, mal-estar religioso e secularização: Juan Martín Velasco<sup>2</sup> e António Teixeira Fernandes. Igualmente, e para dar uma perspetiva global da prática religiosa em Portugal, apoiar-nos-emos nos dados – infelizmente já com dois anos – do *European Social Survey* que torna patentes as dificuldades da Igreja em Portugal mas que não nega a matriz religiosa e católica do país.

Na verdade, Portugal continua fortemente marcado pela Igreja Católica, presente neste território já antes da nacionalidade, confundindo-se a sua história com a da Igreja em Portugal e vice-versa – não é possível escrever uma sem falar da outra. A sua presença pode mesmo explicar os valores que inspiraram Portugal a ser o primeiro país do mundo a abolir a escravatura e um dos primeiros a abolir a pena de morte, e a laicização foi paulatina, e muito influenciada pelo contexto internacional e por ideias importadas de realidades díspares da nacional. Assim, ser católico em Portugal já começa a ser, para uma franja significativa da população, algo simplesmente cultural, mesmo que ainda importante na sua identidade e que mesmo no seio dos católicos o fervor começa a desvanecer-se.

A propósito da temática da secularização, a reflexão de Martín Velasco afigura-se-nos incontornável para a fundamentação teórica do nosso estudo. Segundo este autor, apesar de todas as críticas e previsões filosóficas que antecederam a contemporaneidade, a religião não desapareceu. Pelo contrário, no seu entender, atualmente a religião dá mostras de uma extraordinária vitalidade a ponto de se falar de uma “época de efervescência religiosa”. No entanto, nas sociedades ocidentais há uma perda de influência das instituições religiosas e o

<sup>2</sup> Para todas as referências veja-se o final deste artigo.

afastamento da prática dos crentes. Ou seja, há uma religião não enformada, avessa às instituições e ao formalismo (MARTÍN VELASCO, 1998, p. 15-18).

No mesmo sentido, a secularização, para Teixeira Fernandes apresenta-se, paradoxalmente, como um declínio do sagrado, mas também como o seu retorno, assumindo, porém, uma nova forma, configurando-se, agora, como um certo individualismo religioso. Defende este autor que, hoje em dia, se está perante uma subjetividade religiosa, na busca do sentido, no qual a sociedade deixa de oferecer visões do mundo universalmente aceites e obriga os indivíduos a procurar significados que deem sentido à existência, o que, entende, estar na origem do atual pluralismo cultural. Deste modo, pode afirmar-se que a vida atual apresenta um caráter plural, levando as pessoas a confrontarem-se com uma diversidade de escolhas (FERNANDES, 2001, p. 57-60).

O discurso religioso, por seu lado, reflete, nos nossos dias, predominantemente um certo desânimo, dando voz a uma consciência das dificuldades que atravessa, e mesmo a sensação de remar contra a corrente. O retrocesso mais evidente é o da religião institucionalizada, com o retrocesso da prática religiosa, a erosão da fé, o desvio de comportamentos em relação à Moral ensinada pela Igreja e a perda de credibilidade das Instituições religiosas assim como dos seus “representantes” (MARTÍN VELASCO, 1998, p. 18).

A religião acaba por perder, assim, a sua identificação, tornando-se objeto permanente de questionamento. O Homem vive um tempo em que é obrigado a compor e a recompor o seu sistema de crenças, confrontando-se com o dilema de continuar a obedecer a padrões coletivos fornecidos pelas diversas confissões ou ver transformar-se o religioso numa espécie de mercado livre. Existem, assim, ao mesmo tempo, diversos graus de integração religiosa, ou seja, desde a identificação total, à identificação fraca ou até mesmo à total falta de identificação. (FERNANDES, 2001, p. 60-65).

Vivemos, assim, uma situação de grande debilidade das crenças. Enfrentamos um enfraquecimento da Fé e um crescimento da descrença que nos deve levar a refletir sobre algumas questões, nomeadamente: o que significa este aumento da descrença? Que relação com o mal-estar religioso e que perspectivas para o futuro? (MARTÍN VELASCO, 1998, p. 81-83).

Defende Teixeira Fernandes, a partir do seu estudo, que os homens são os mais atingidos pelo ceticismo, pelo agnosticismo e pela indiferença e que as mulheres são mais crentes. No seu estudo, este autor constata que é entre os 15-24 anos que o ceticismo predomina, ou seja, à medida que a idade aumenta, mais se acredita num Deus que salva, crença que segundo o seu estudo, atravessa os sexos, as idades e as atividades profissionais (FERNANDES, 2001, p. 86-90).

Deduz, por outro lado, pelas respostas dadas ao seu estudo relativamente à vida após a morte, que a doutrina da Igreja sofre a crescente concorrência de correntes de espiritualidade, estando-se perante uma tendência para a protestantização do Catolicismo, no sentido de ser mais uma entre muitas religiões no nosso país (FERNANDES, 2001, p. 92-97).

A secularização impôs, desta feita, um impacto sociocultural que levou, de uma situação em que a religião dominava o conjunto de sectores da vida pessoal e social, para outra realidade independente desta: originou uma “falta de lugar” para a religião na sociedade. Há, portanto, que reconhecer que a maturação do pensamento leva a que esta rutura, entre Cristianismo e Modernidade, seja analisada em contexto histórico (MARTÍN VELASCO, 1998, p. 21-23).

Por oposição, pode dizer-se que a secularização é mais sentida quanto maior é, ou foi, o lugar central ocupado pelo sagrado numa determinada sociedade. Esta secularização, como especula Velasco, tratar-se-á de uma amargura, de uma rebeldia ou de uma indiferença religiosa? Qualquer que seja a conclusão, o pensamento do autor vai no sentido de existirem vítimas da secularização, e entre estas enumeram-se todos aqueles elementos cristãos mais dificilmente integráveis na consciência moderna tais como: a historicidade da revelação, a mensagem da cruz, e ainda, a existência do Juízo.

Neste sentido, a representação de Deus, na sociedade atual, inscreve-se num universo de representações humanas, no qual, a dimensão humana se mede por aquilo que o Homem deseja e a dimensão divina mede-se pelo encontro com a divindade transcendente (FERNANDES, 2001, p. 98).

Há na sociedade atual um sentimento de desfazamento entre a religião e a vida que, em conjugação com o individualismo, gera uma propensão a procurar uma religiosidade à medida de cada um (MARTÍN VELASCO, 1998, p. 90).

A Igreja Católica parece, ainda assim, ter deixado de ser uma instituição preponderante na vida quotidiana, mas que continua a ter um papel importante na normatividade social. Ainda assim, Fernandes defende que a normatividade religiosa apresenta ainda uma relação muito direta com o grau de identidade confessional, na qual, os sacerdotes são os principais construtores da identidade dos fiéis e esta identidade constrói-se na relação com o outro – integração num conjunto e uma identificação genuína, um sentimento real de pertença (FERNANDES, 2001, p. 106-120).

## **A questão da indiferença religiosa**

O indiferentismo é o resultado de várias transformações sociais, ocorrendo quase sem que os sujeitos se deem conta do seu afastamento face à religião. É um processo que se inicia frequentemente pelo abandono de algumas práticas religiosas, ou porque deixam, aparentemente, de fazer sentido, ou porque as condições de vida as dificultam. Não há, assim, contrariamente ao ateísmo, uma recusa violenta ou um rasgar consciente, mas sim é uma questão prática causada em grande parte pela evolução cultural e social. Defende Martín Velasco que o número de indiferentes continuará a crescer, podendo mesmo tornar-se o grupo mais importante no panorama religioso (MARTÍN VELASCO, 1998, p. 83-89).

Após anos de contacto próximo com o Cristianismo, a religião, e em particular o Catolicismo, afigura-se ao indiferente e aos não praticantes como algo que foi uma prática rotineira, forçada por pressões sociofamiliares, e, feita esta experiência, entendem que o Cristianismo não os satisfaz, seja pela repetição das mesmas palavras, a falta de significado de sinais e gestos... A indiferença é, assim, no entender de Martín Velasco, um ressentimento contra o Cristianismo, em parte fruto de uma evangelização ineficaz e até contraproducente, embora os indiferentes sérios não neguem o contributo do Cristianismo para os valores sociais, mas para nada mais (MARTÍN VELASCO, 1998, p. 91).

O indiferentismo é, ainda assim, um sério desafio para os crentes, na medida em que é de difícil resposta, pois é um grau de afastamento da Fé e não apenas uma descrença. A principal dificuldade em encontrar uma resposta para este fenómeno reside no facto de que a indiferença mina os fundamentos do diálogo e retira a força aos argumentos dos crentes, esvaziando as palavras de sentido e tornando a comunicação impossível. É neste sentido mais difícil debater com um indiferente do que com um não-crente. Este não é, por isso, um processo de modo algum fácil, e o diálogo com o indiferentismo afigura-se, em consequência, francamente difícil, devendo para isso encontrar-se soluções específicas para cada realidade particular, tendo sempre em atenção tanto o meio como os intervenientes, levando o diálogo a cabo sempre com uma atitude de encontro e não de sobrançeria, nem de submissão (MARTÍN VELASCO, 1998, p. 97-100).

## **O supermercado de religiões e as espiritualidades *self-service***

A religião é, na verdade, uma realidade multidimensional, em que as pessoas com défices de socialização religiosa reconstroem sistemas de representações adequados aos seus

diversos estilos de vida, num desejo de uma espiritualidade *self-service* em que cada um escolhe aquilo que aceita e rejeita o que não lhe convém (FERNANDES, 2001, p. 86).

Vivemos, assim, num momento de pluralização dos valores – politeísmo dos valores –, mas não se pode afirmar com honestidade que a própria diminuição do contacto com a Igreja leve necessariamente ao ateísmo generalizado, porém contribui, certamente, para a propagação de uma religiosidade difusa (FERNANDES, 2001, p. 151-154).

### O estudo de caso e análise dos resultados

O presente inquérito foi utilizado com vista a compreender as perceções religiosas, a visão dos inquiridos sobre alguns aspetos da Igreja e da religiosidade contemporânea, procurando entender quais as razões para a crise do religioso e quais os desafios quer para os crentes quer para a Igreja.

É de destacar que o inquérito foi aplicado a pessoas aleatórias, durante o mês de janeiro de 2021, entregue em mão, sendo preenchido com total liberdade e respeito pelo sigilo dos respondentes. Após esta aplicação, houve a recolha dos inquéritos e a necessária análise dos mesmos, que em seguida, será apresentada detalhadamente. Responderam três indivíduos do sexo masculino e quatro do sexo feminino, sendo o maior grupo aquele que tem uma idade superior a sessenta e cinco anos. Se a primeira espelha a realidade nacional – há mais mulheres do que homens – a segunda ainda não é verdade, não obstante a tendência para o envelhecimento do país. Há uma percentagem igual nas demais faixas etárias, não tendo sido inquirido nenhum jovem adulto (entre os quinze e os vinte e quatro anos).

A maioria dos inquiridos afirma-se religioso (71%) e uma maioria considerável (71%) define-se como Católico. Os restantes, defendem não ter qualquer religião, não tendo havido respondentes de outras religiões. Quando inquiridos sobre qual as principais razões para se definirem como pessoas religiosas ou não, os inquiridos dividem-se entre a justificação de fazerem o bem, praticarem a partilha, rezarem, acreditarem em Deus e na Doutrina. É de notar a importância dada por alguns inquiridos à atitude de autorreflexão e a noção de que são religiosos porque têm espiritualidade (10 e 7%), podendo percecionar-se já aqui algum desvio para tendências *new age*, que se confirmarão em questões seguintes.

Relativamente às razões para não se assumir como uma pessoa religiosa as mais importantes são a noção de que a religião é algo ultrapassado e a discordância com as religiões nos moldes tradicionais (7% cada uma). Curiosamente, a noção de que Deus não é preciso ou que o Homem não precisa de Deus teve muito pouca adesão (cerca de 3%) de onde

começamos a vislumbrar que os respondentes que se assumem como não religiosos são apenas desiludidos ou indiferentes, agnósticos possivelmente, mas não ateus. Igualmente surpreendente neste estudo é o facto de não ter havido qualquer pessoa a mencionar a opção de se afirmar religioso por imposição (por tradição, “assim fui ensinado/a pelos meus pais”...), e o facto de apenas 6% dos inquiridos assinalarem a ida à missa como fator para se definirem como pessoas religiosas. Como veremos, a frequência da eucaristia é um dos aspetos em crise. Igualmente, e numa nota positiva, 10% dos inquiridos defendem que a religião é um apoio, uma força nas suas vidas.

No mesmo sentido quisemos saber, então o que faz alguém definir-se como Católico. Para 23% dos inquiridos é cumprir deveres religiosos e para 17% trata-se de um conjunto de tradições e ritos, numa visão bastante redutora. Para os mesmos 17% ser católico é empenhar-se no bem do Homem e acreditar num Deus que salva, e somente para 11% significa participar na comunidade de crentes, de novo se percecionando o declínio da comunidade paroquial e a importância de orar juntos. Quase 6% dos inquiridos dizem que ser católico é abdicar da sua liberdade e cumprir meras rotinas.

Questionamo-nos portanto qual o sentido de ser Católico nos dias de hoje. Não obstante as respostas anteriores, para a maioria dos inquiridos ainda faz sentido (cerca de 89%), dividindo-se entre considerar que faz sentido para o próprio (44,4%) e para a sociedade (a mesma percentagem), novamente se notando que se empurra para a sociedade (anónima, os outros) a importância da religião tal como as culpas pela falta de religiosidade, como se verá no ponto seguinte. Para cerca de 11%, porém, ser católico já não faz sentido nos nossos dias.

Relativamente à questão da indiferença religiosa a maioria dos inquiridos (57%) entendem que esta tem tendência para aumentar, mas os restantes 43% creem que tal não sucederá, possivelmente crendo que esta poderá apenas manter-se, ou, de forma muito otimista, acreditando que a sociedade vai regressar a uma religiosidade mais intensa.

As razões apontadas são absolutamente unânimes entre todos os respondentes, responsabilizando a hierarquia da Igreja e os sacerdotes, a própria Igreja porque inadequada (veremos em seguida que esta questão não é tão grave como poderia parecer) e também a sociedade que acusam de ter falta de valores éticos. Assim, deduz-se que para os inquiridos o problema da indiferença religiosa está dentro da própria instituição religiosa, embora também apontem o dedo à sociedade, a quem, dizem na questão sete a religião lhe é benéfica.

Quando questionados sobre como entendem Deus, os inquiridos dizem na sua maioria (quase 1/3 dos inquiridos) ter uma relação pessoal com Deus, mas não são de descurar as respostas com gosto a novas espiritualidades – Deus é um espírito ou uma força, é algo que está



dentro de mim... ambas com mais de 23% de resposta – e quase 8% identificam Deus com o Bem, o bem humano, como aquilo que de melhor o Homem tem. Nos que dizem não acreditar, confirmamos aqui o que tínhamos deduzido anteriormente: não há nenhum respondente a dizer que Deus não existe, apenas dizem não acreditar ou não saber em que acreditar, não O negando.

No mesmo sentido quisemos perguntar aos inquiridos quem entendiam que era Cristo, veladamente fazendo a mesma questão que Ele fez aos Seus discípulos. A maioria (41%) dos inquiridos reconhece-O como Deus feito Homem, talvez recordando a Doutrina ou catequese. O segundo maior grupo (1/4 dos inquiridos) entende-O como um homem sábio e 17% reconhece-O como um dos profetas. A confusão é portanto já grande, permanecendo porém ainda a noção cristã na maioria das repostas. Do lado oposto, 8% dos inquiridos consideram que Cristo é uma invenção humana ou da própria Igreja, resposta que nos faz questionar até onde vai a descrença: nega-se o Cristo da Igreja, ou também o Jesus histórico?

Explorando questões sensíveis e que nos permitiriam vislumbrar até onde vai a influência de outras religiões e movimentos religiosos *new age*, questionamos diretamente o que entendiam os inquiridos haver depois da morte. Denota-se aqui uma grande confusão entre a reencarnação defendida por outras religiões e espiritualidades – nomeadamente o Hinduísmo e o Budismo, e movimentos *new age* que se inspiram em religiões do oriente – e a ressurreição da carne, uma vida nova no Reino, dado que alguns inquiridos assinalam a opção “reincarnação” simultaneamente com a opção de “uma vida nova”. Ainda assim, metade dos inquiridos defendem que após a morte virá uma vida nova e ¼ destes entendem que não há nada após a morte, que a morte é o fim de tudo. Explorado mais este aspeto da influência das correntes espirituais e de outras religiões no pensamento dos inquiridos, revela-se que a reencarnação é uma crença já enraizada, logo seguida de certas superstições e horóscopos. Mesmo tendo propositadamente sido dito que eram práticas paralelas à religião estabelecida, os respondentes assumem crer (pelo menos) em espíritos, bruxaria, videntes e taumaturgos (11% cada uma das opções), não tendo havido ninguém a deixar esta questão em branco.

Quando questionados acerca do momento ou momentos em que os inquiridos se sentem mais próximos de Deus, estes dividem-se entre os momentos mais difíceis e os momentos em que estão acompanhados dos amigos e da família, mais do que nos simples momentos felizes da vida (17,5%, contra 23,5%). Igualmente o trabalho é momento de aproximação a Deus tal como os momentos em que estão sós. A introspeção parece ter, assim, uma importância considerável (11%) para escutar a Deus segundo os inquiridos, que poderíamos especular sentem mais a Sua presença nos momentos difíceis (possivelmente quando mais se “apegam” à

religião) e quando estão rodeados de pessoas significativas. Extrapolando um pouco mais ainda, podemos associar a maior proximidade a Deus com momentos felizes (50% de respostas, somando os momentos felizes com a presença de família e amigos), contra 23,5% de inquiridos que associam a maior proximidade de Deus com momentos difíceis. Ainda assim, 11% não costumam, sequer, pensar neste assunto.

Avançando para temas ainda mais sensíveis questionou-se o grau de concordância dos visados acerca da Doutrina (percepcionada) da Igreja. Dizemos percepcionada pois certamente muitos dos inquiridos não terão um conhecimento muito profundo nem extenso destas matérias, reconhecidamente densas. Assim, os inquiridos dividem-se completamente, com a mesma percentagem a defender que concorda em absoluto, na sua maioria ou apenas em parte (cerca de 28,5%), com os restantes 14,5% a dizer que discorda totalmente. Não é, portanto uma resposta conclusiva, pelo que a questão seguinte visava quais as matérias da doutrina da Igreja desagradam mais aos inquiridos.

Novamente os inquiridos se dividem entre as questões relativas à indissolubilidade do matrimónio e a questão do aborto, com as quais 27 e 22%, respetivamente, dos inquiridos discordam relativamente à posição da Igreja, logo seguido do valor atribuído à Eucaristia dominical (18%). Igualmente o dever de confissão é questionado, e os mesmos 13% assumem discordar relativamente à posição da Igreja relativamente à eutanásia.

É igualmente de referir a discordância – residual, porém – relativamente às questões do celibato e da exclusividade masculina no acesso ao sacerdócio ordenado, que no entanto não se refletiu na outra questão em que o exclusivo masculino é abordado – nenhuma resposta foi assinalada aqui. Questionamos igualmente onde consideram os inquiridos dever a Igreja evitar interferir, e novamente a questão da sexualidade é a escolha da maior parte dos questionados (1/3), logo seguida das questões relativas à vida matrimonial/ conjugal (cerca de ¼). Para os restantes 40%, negócios e vida social não devem ser matéria em que a Igreja deva imiscuir-se, entendendo-se aqui uma certa reação eventual às críticas do Santo Padre ao capitalismo selvagem.

No que diz respeito à perceção de exigência ou rigor da Doutrina da Igreja, esta afigura-se para quase 43% dos inquiridos demasiado rigorosa e apenas para 28,5% adequadamente rigorosa, o mesmo valor daqueles que a consideram algo rigorosa. Depreende-se assim que uma boa parte dos inquiridos gostariam de uma maior abertura e flexibilidade na doutrina, indo certamente ao encontro das suas discordâncias face aos temas sensíveis que anteriormente analisámos.

Assim, no mesmo sentido 57% dos inquiridos creem mesmo que a visão da Igreja se encontra algo desfasada do mundo atual, e 14% dizem que se encontra muito desfasada, somente 28,5 considerando que se encontra adequada aos tempos que vivemos. Há assim um desejo de mudança e os inquiridos sugerem mesmo em que matérias as mudanças devem ter lugar.

Quisemos igualmente saber, para além do sentimento de pertença a uma determinada religião, qual a sensação dos inquiridos face à proximidade da Igreja relativamente ao seu povo, e só para 28,5% dos inquiridos é que esta se apresenta muito próxima. Para a mesma percentagem, esta está afastada das pessoas, considerando o maior grupo (42,8%) que a Igreja está somente às vezes próxima das pessoas.

Partindo assim para o particular, quisemos saber qual o grau de pertença dos inquiridos face à sua comunidade paroquial, e mesmo descurando a Eucaristia dominical, como já vimos, 42,8% dos inquiridos dizem ter um grau de pertença relativamente forte ou mesmo muito forte (14%). No entanto para 14% este grau de pertença é fraco ou mesmo muito fraco (28,5%).

Tendo em consideração a questão relativa à responsabilidade pela indiferença religiosa e o grau de pertença à comunidade paroquial, procuramos saber qual a opinião dos inquiridos sobre os párocos em geral. Para 1/5 dos inquiridos estes apresentam-se autoritários, alheados do mundo real e materialistas (perfazendo 60% das respostas, 20% cada opção), e para ou outros 40% estes são compreensivos (7%) e empenhados (20%), estando próximos das pessoas para 13% dos inquiridos. Os inquiridos não consideram os párocos nem alegres nem desinteressados, o que é verdadeiramente preocupante considerando os outros resultados.

Quisemos também saber qual a opinião dos inquiridos sobre a importância da religião no mundo. Para 42% dos inquiridos esta ainda é bastante importante e para 14% é mesmo extremamente importante. 28,5%, porém, consideram-na pouco importante, sem que ninguém tenha assinalado que seria nada importante. Esta opção confirma-se na questão seguinte em que ninguém refere que a religião não tem qualquer importância.

No que diz respeito à questão relativa às várias religiões do mundo, os inquiridos dividem-se entre dizer que apenas há uma religião verdadeira e os que defendem que as religiões são todas iguais (42,8% em ambos os casos). Fica a dúvida se a resposta que considera que as religiões são todas iguais é apenas ecuménica – considerando que todas visam a salvação e o bem, apenas seguindo caminhos diferentes – ou uma visão negativa e relativista em que se entende que estas “vão todas dar ao mesmo” e que tanto faz praticar uma como outra. Gostaríamos de crer que será um misto das duas...

Partimos em seguida para um diagnóstico, questionando sobre quais os desafios que se apresentam a quem hoje queira ser católico e levar uma vida em conformidade. Novamente confirmamos a tendência dos inquiridos (42,8%) a apontar o dedo ao outro, e mais uma vez à Igreja – ora porque inadequada, ora por causa dos escândalos (em) que a envolvem, embora para 28,5% o problema seja intrínseco – falta de tempo, discordância face à Doutrina. As novas propostas religiosas e a indiferença apenas são consideradas por 14% dos inquiridos, a mesma percentagem daqueles que não encontram qualquer desafio a ser e a viver como Católico.

Quisemos finalizar o inquérito perguntando, afinal, qual o maior desafio que hoje se apresenta à Igreja Católica. Para 30% dos inquiridos a resposta é a necessidade de modernização e para a mesma percentagem de inquiridos é a necessidade de ser um exemplo. Para 15% afigura-se como o grande desafio não perder os fiéis e para outros 15% a aposta deve estar em cativar, evangelizar e converter (diríamos nós, re-evangelizar e re-converter). 7% crêem que o grande desafio é, simplesmente, manter a fé, o que nos parece uma resposta algo pessimista e desanimada.

### **Considerações finais**

Por fim, os resultados que obtivemos, podendo ser comparados com os autores citados no enquadramento teórico, têm a limitação da idade das obras citadas (1998 e 2001) – assumimos o problema, que não antevimos aquando da pesquisa inicial. Ainda assim, em certos casos os resultados obtidos refletem a evolução e o crescimento da indiferença, do relativismo e do afastamento dos crentes face à Igreja que já tinham sido referidos pelos autores.

Os respondentes, em geral, apresentam uma fluidez religiosa, não os ofendendo acreditar em Cristo e ao mesmo tempo recorrerem ao espiritismo, à bruxaria ou acreditarem em videntes e horóscopos. Não consideram, em geral, também que, para serem parte da comunidade paroquial, devam cumprir regularmente o dever de participar na Eucaristia Dominical ou mesmo cumprir o dever de confissão. Isto vem ao encontro das estatísticas apresentadas pelo *European Social Survey*, que como referimos anteriormente concluiu que apenas 40% dos católicos frequentavam a Eucaristia dominical semanalmente (EUROPEAN SOCIAL SURVEY, s/a).

Igualmente são capazes de compatibilizar a sua discordância com matérias sensíveis da Igreja, nomeadamente a sua posição relativamente à inviolabilidade da vida – seja no seu começo seja no seu término – e à indissolubilidade do Matrimónio com o afirmarem-se católicos e parte da comunidade. Seleciona-se assim aquilo em que se acredita, aquilo que se

aceita e aquilo que se rejeita sem que isso aparente afetar a sua identificação como Católicos, como se se pudesse viver a riqueza do Evangelho sem a comunidade, apenas voltados para dentro, isolados, vivendo uma fé muito própria e individual. Não se tratando de uma surpresa, pois vem ao encontro do que Teixeira Fernandes já referira (FERNANDES, 2001, p. 86), regista-se o individualismo (FERNANDES, 2001, p. 92-97), esta fluidez religiosa, a espiritualidade *self-service*, e a capacidade de compor e recompor o sistema de crenças a cada momento (FERNANDES, 2001, p. 60-61).

Ainda assim, alguma coisa ficou dos ensinamentos, os respondentes assinalam que Cristo é Deus feito Homem e a maior parte alega que crê na Doutrina. Paradoxalmente, os inquiridos dizem cumprir os seus deveres religiosos e tal é fator para se definirem como Católicos, mas, como se viu, a frequência regular da missa é rejeitada como particularmente importante. Ao mesmo tempo, a imagem que fazem passar dos sacerdotes é pouco lisonjeira, atribuindo-lhes alguns dos inquiridos uma boa parte da responsabilidade pelo crescimento da indiferença e como fator dos principais desafios apresentados à Igreja. Isto é uma novidade face ao que Teixeira Fernandes em 2001 encontrara, podendo dar-se o caso de a amostra por nós utilizada ser excecional, ou pelo contrário ter havido uma involução na imagem dos ministros ordenados (FERNANDES, 2001, p. 116-120).

A questão relativa ao crescimento da indiferença afigura-se-nos inconclusiva, na medida em que os inquiridos atribuem culpa igual (1/3) aos sacerdotes e à hierarquia da Igreja como à falta de valores éticos e inadequação da Igreja, sem apontar claramente um responsável principal. Neste último ponto depreende-se que esta inadequação é relativamente aos tempos em que vivemos, pela conjugação com as questões diretamente relacionadas com esta matéria, considerando-a desfasada e necessitando de modernização.

A própria Igreja é referida como algo próxima das pessoas, o que vem ao encontro do que já defendia Teixeira Fernandes, mas ao mesmo tempo rigorosa nos seus preceitos e desfasada do mundo, recomendando-lhe a modernização e que se converta em exemplo, atribuindo-lhe pelos escândalos em que se vê envolvida a maior dificuldade em se apresentarem como Católicos (FERNANDES, 2001, p. 130-134).

Relativamente ao rigor, vem na linha do pensamento social dos nossos dias, todos querem poucas regras, pouco controlo, pouco Estado, pelo que não consideramos preocupante este elemento. Relativamente à modernização pedida, esta sim é problemática, pois devemos-nos questionar: que mudança se pretende? Ao querer mudar, ao querer reformar não iremos destruir o que temos, irremediavelmente? Não corremos o risco de nos tornar demasiado semelhantes a outras propostas religiosas com perda da nossa duas vezes milenar identidade?

Talvez por esta ser uma amostra pequena não encontramos sinais da efervescência religiosa referida por Martín Velasco (MARTIN VELASCO, 1998, p. 15-18), mas um Catolicismo que funciona extra-muros da Igreja, avesso ao formalismo, como defendeu este autor. Nem moda de idades (mais de 65), nem de género (feminino) fazem os resultados ser menos preocupantes. É certamente nas mulheres que se encontra o inquirido mais próximo da ortodoxia católica, mas também um dos mais hostis.

No entanto, saúda-se a ausência de respondentes completamente avessos à religião ou militantes ateus. Nenhum inquirido diz que Deus não existe, somente que não acredita, e que Deus não é preciso (neste caso apenas uma resposta). Há, isso sim, uma imagem negativa da Igreja igualmente patente na resposta em que se alega que Cristo é uma invenção Humana ou da própria Igreja. Novamente, nos questionamos se a resposta quer dizer somente que Cristo é uma construção, uma narrativa ou mesmo que o próprio Jesus histórico é uma invenção.

É todavia de louvar que a maioria (56%) dos inquiridos entenda que a religião é pelo menos bastante importante no mundo atual, e que ainda cerca de 42% considerem só haver uma religião verdadeira com a mesma percentagem de inquiridos a dizer que são todas iguais – interpretaríamos aqui, talvez com alguma ousadia – num certo espírito de abertura ecuménica, considerando que são muitos os caminhos para Deus. Deus que se faz presente, segundo os inquiridos, especialmente nos momentos passados com a família e os amigos, nos momentos de alegria, mas também nos momentos mais difíceis, qual Pai abraçando os Seus filhos em sofrimento, aconchegando-os e protegendo-os. Deus, com quem uma boa parte dos inquiridos defende ter uma relação pessoal, mas que muitos já identificam com uma força, uma energia, algo que trazem dentro de si... As novas espiritualidades entranham-se na mentalidade dos crentes – recorde-se que 71% dos inquiridos se definem como Católicos, logo não é abusivo falarmos de crentes nesta circunstância. Do mesmo modo, é de saudar que ainda 89% dos inquiridos entendam que faz sentido ser Católico nos dias de hoje, mesmo que tal seja apenas importante para a sociedade, para alguns. Em todo o caso, para a maioria dos inquiridos ser católico ainda faz sentido, não só para o próprio como para a sociedade.

Assim, concluímos que mais do que um indiferentismo, o qual segundo a literatura e a nossa perceção se afigurava como a maior ameaça à religiosidade contemporânea, estamos perante um catolicismo acomodado e apenas de fachada. Se por um lado nos dá esperança pois, como dissemos, com indiferentes o diálogo não é de modo algum fácil pelo seu carácter amorfo e “tanto faz”, por outro é preocupante que uma percentagem tão grande de católicos assumidos entenda sê-lo sem um dos principais sacramentos, sem cumprir um dos primeiros mandamentos da Igreja, vivendo num individualismo religioso, experienciando a religião do apostolado, do

Evangelho, voltados para dentro, para um culto privado, individualista. Há, reafirmamos, esperança. As ovelhas estão afastadas do seu pastor, desconfiam do redil, desejam pastos novos. A adoção de novas estratégias, o caminho que se vem fazendo para afastar os elementos menos benéficos ao Povo de Deus, a abertura que se vem fazendo neste último pontificado, a imagem próxima e amável do Santo Padre, pode certamente trazer novidades e reaproximar as ovelhas tresmalhadas, fazendo-as aceitar nova e voluntariamente o *jugo suave* do Bom Pastor.

## REFERÊNCIAS

EUROPEAN SOCIAL SURVEY. «ESS data». Disponível em: <http://nesstar.ess.nsd.uib.no/webview/index.jsp?v=2&submode=abstract&study=http%3A%2F%2F129.177.90.83%3A80%2Fobj%2FfStudy%2FESS9e03.0&mode=documentation&top=yes>. Acesso em: 10 dez. 2020.

FERNANDES, A. T. **Formas de vida religiosa nas sociedades contemporâneas**. Oeiras, PI: Celta Editora, 2001.

MARTÍN VELASCO, J. **El malestar religioso de nuestra cultura**. Madrid, Espanha: San Pablo, 1998.

### Como referenciar este artigo

MARTÍNS, R. C. Religiosidade no século XXI: misticismo, ateísmo ou indiferença. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 10, e021008, jan./dez. 2021. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v10i00.15330>

**Submetido em:** 21/6/2021

**Aprovado em:** 25/06/2021

**Publicado em:** 30/06/2021